

RELAÇÃO ENTRE INVENTÁRIO SEGMENTAL E *TEMPLATES*: ESTUDO DE CASO DE UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Glaubia Ribeiro Moreira
(UESB/PPGLin)

Marian Oliveira
(UESB/PPGLin)

Maria de Fátima de A. Baia
(UESB/PPGLin)

RESUMO

Neste estudo, investigamos a relação entre o inventário segmental e a emergência de *templates* (T.), i.e, padrões fônicos sistemáticos, analisando dados de uma criança com síndrome de Down (G.) de 1 ano e 3 meses a 2 anos e 7 meses, adquirindo a fonologia do português brasileiro (PB), variedade de Vitória da Conquista-BA. Após análise, verificamos uma estreita relação entre o inventário segmental de G., ainda inicial, e as rotinas articulatórias recorrentes, ou seja, a manifestação de *templates*.

PALAVRAS-CHAVE: *Templates*. Síndrome de Down. Desenvolvimento fonológico atípico.

INTRODUÇÃO

A síndrome de Down (SD), caracterizada pela presença de um cromossomo extra no par 21 (MUSTACHI, 2009), provoca no sujeito uma série de alterações, tais como: atraso cognitivo, perda auditiva, hipotonia na região facial, cavidade oral pequena, língua protusa, dentes desordenados etc.; que, além de outros, atrasam o seu desenvolvimento linguístico (STOEL-GAMMON, 2001).

O falante com atraso na fala, como é o caso das pessoas com síndrome de Down, adquire mais tardiamente os segmentos de sua língua nativa e as diferentes posições que ocupam na palavra, se

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

considerarmos os parâmetros fonológicos típicos (TEIXEIRA, 1995). Assim sendo, neste trabalho, objetivamos investigar se esse atraso e, por consequência, um repertório segmental mais limitado, tem uma relação com a estrutura fônica dos *templates*, i.e, padrões sistemáticos que carregam informações prosódicas e/ou segmentais que compõem a estrutura das palavras iniciais e funcionam como expansão do léxico (VIHMAN; CROFT, 2007). A nossa hipótese é a de que quanto mais o inventário fônico for limitado maior o uso de padrões sistemáticos.

MATERIAL E MÉTODOS

São analisados dados longitudinais de uma criança com síndrome de Down, a quem denominamos G., entre 1 ano e 3 meses e 2 anos e 7 meses. Analisamos um total de 9 sessões com intervalo a cada dois meses, no formato vídeo. Os dados pertencem ao banco de dados Núcleo *Saber Down* (CNPq-MEC) e estão autorizados pelo comitê de ética (CAAE 04853012.6.0000.0055). Todos os dados foram transcritos com o uso do sistema CHAT de transcrição (CHILDES) e o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) por duas autoras deste estudo.

Para classificação do que seria palavra inicial nas produções da criança, usamos a proposta de Vihman e McCune (1994) que partem de critérios contextuais e fônicos para verificar quando a palavra pode ser entendida como palavra fonológica. Os seguintes critérios são seguidos para classificação:

- a) **Crítérios baseados no contexto:** determinativo, identificação materna, uso múltiplo e episódios múltiplos;
- b) **Crítérios baseados no modelo de vocalização:** correspondência complexa, correspondência segmental exata e correspondência prosódica;
- c) **Crítérios baseados em outras vocalizações:** *tokens* imitados, ausência de variação e ausência de usos inapropriados.

O levantamento dos *templates* foi feito por sessão, nas quais observamos se havia a existência de um padrão operante que abrangeria aproximadamente 40% das produções totais de G. naquela

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

sessão, de acordo com Baia (2013). Os *templates* levantados foram classificados em: **selecionado** e **adaptado**. O primeiro refere-se às produções da criança que se assemelham à produção do adulto; o segundo, por sua vez, diz respeito às produções da criança que estão distantes da produção do adulto, i.e, são distorções da forma alvo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No período analisado, G. apresenta um inventário segmental ainda limitado decorrente das características físicas e cognitivas que ele apresenta e que influenciam o seu desenvolvimento fonológico. Os segmentos consonantais explorados por G. foram os seguintes:

Ponto Modo	Bilabial	Labio- dental	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d			k g	
Nasal	m		n				
Africada							
Fricativa		f		ʃ			

Quadro 1: inventário consonantal de G.

Como se observa no quadro 1, todos os segmentos oclusivos realizados no PB estavam presentes nas produções de G. Além desses segmentos, G. explorou dois segmentos nasais [m] e [n] e as fricativas labiodental surda [f] e pós-alveolar surda [ʃ]. Com exceção dos já citados, os demais segmentos do PB ainda não fazem parte do repertório consonantal de G., demonstrando, assim, um inventário limitado.

Os segmentos vocálicos explorados por G. foram os que seguem:

Altura	Anterior	Central	Posterior
Alta	i		u ã
Média-alta	e		o
Média-baixa	ɛ		ɔ
Baixa		a ã	

Quadro 2: inventário vocálico de G.

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

Diferentemente do inventário consonantal, o repertório de vogais orais de G. está completo, já que em suas produções, ele fez uso de todas as vogais orais realizadas no PB. As vogais nasais exploradas por G. foram [ã] e [ũ], sendo que o [ã] é a preferida da criança, pois faz uso dela em 5 das 8 sessões em que houve produção de palavra, como pode ser notado no quadro 3.

No quadro a seguir, observamos os segmentos explorados por G. nas sessões nas quais foi verificada a emergência de *template*. Os quadros em cinza indicam que não houve um padrão operante na sessão analisada.

Idade	1;3	1;5	1;7	1;9	1;11	2;1	2;3	2;5	2;7
T.	CV	CV			CV		V	VV	
Segmentos explorados por G.	m, n, ã	p, b, m, n, g, a, e, ɔ, ã, o			m, n, p, f, k, ε, ã, e, i, ε		a, e, i, ɔ, u	ã, u, a, i	

Quadro 3: Distribuição de uso de *templates* (G.).

Todos os *templates* usados por G. são estruturalmente simples, não ultrapassando uma sílaba (CV, V e VV). Essa especificidade encontrada nos dados de G. pode ser decorrente da pouca variedade de segmentos explorados. Observe, no quadro 3, que o padrão preferido foi o CV, ocorrendo em três das cinco sessões nas quais houve manifestação de *template*. Exemplos de produções que se encaixam nesse padrão podem ser observados a seguir:

<i>Forma alvo</i>	<i>Produção infantil</i>
(1) Mãe	[mã]
(2) Gol	[go]
(3) Bola	[bɔ]

Nas sessões 2;3 e 2;5, todas as palavras de G. apresentam apenas segmentos vocálicos. Por esse motivo, o padrão de palavra de G. só poderia ter uma estrutura que permitisse apenas vogais nessas sessões. As estruturas usadas por G. foram V e VV, o que evidencia uma relação entre inventário segmental e *template* operante.

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

Das oito sessões em que houve produção de palavra, em cinco houve manifestação de *template*, confirmando nossa hipótese de que quanto mais limitado o inventário segmental, maior será o uso de *templates*.

CONCLUSÃO

Encontramos evidências, no período analisado, de que G. apresenta um inventário segmental limitado que apresenta uma estreita relação com os padrões fônicos, i.e, *templates* manifestados. A limitação no seu inventário fônico parece ter relação com o uso frequente e variado de *templates* até suas sessões mais tardias. O mesmo não é observado pelos estudos de desenvolvimento fonológico típico (BAIA, 2013), pois embora os sujeitos analisados façam uso dos padrões, sua ocorrência não se dá com a mesma frequência e variedade.

REFERÊNCIAS

- BAIA, M. F. A. **Os *templates* no desenvolvimento fonológico: o caso do português brasileiro**. São Paulo (SP), USP, 2013. Tese de Doutorado.
- MUSTACHI, Z. (org.). **Guia do bebê com síndrome de Down**. São Paulo: companhia Editora Nacional, 2009.
- STOEL-GAMMON, C. Down syndrome phonology: developmental patterns and intervention strategies. **Downs Syndr Res Pract** 7, p. 93-100, 2001.
- TEIXEIRA, E. R. A anormalidade e não-anormalidade na aquisição fonológica. **Letras de Hoje**, v. 30, nº 4, Porto Alegre, p. 111-126, 1995.
- VIHMAN, M. M.; McCUNE, L. “When is a word a word?” **Journal of Child Language**, 21, p. 517-542, 1994.
- VIHMAN, M.; CROFT, W. Phonological development toward a “radical” templatic phonology. **Linguistics**. 45-4, p. 683-725, 2007.

REVISITANDO OS UNIVERSAIS FONOLÓGICOS DE JAKOBSON

Laís Rodrigues Silva Bockorni
(IC- UESB/GEDEF)

Maria de Fátima de Almeida Baia
(PPGLIN/GEDEF/UESB)

RESUMO

Neste trabalho, revisitamos os universais fonológicos propostos por Roman Jakobson na célebre obra *Child Language, aphasia and phonological universals* (1972 [1941]), buscando realizar um paralelo entre os mesmos e o desenvolvimento de um sujeito adquirindo o português brasileiro (doravante PB). Na análise dos dados, encontramos pontos de convergência e divergência na proposta do autor, os quais nos fazem questionar o caráter universal da hierarquia implicacional proposta para o desenvolvimento fonológico.

PALAVRAS-CHAVE: Jakobson, desenvolvimento fonológico, universais fonológicos.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, revisitamos os universais propostos por Jakobson e os comparamos ao desenvolvimento fonológico de uma criança no intuito de verificar os (des)encontros entre a sua proposta e o desenvolvimento fonológico do português brasileiro (doravante PB).

Para o autor, assim que o primeiro estágio da língua é alcançado, podemos perceber a construção de um sistema fonológico em uma sucessão universalmente regida por leis estruturais.

Nessa sucessão, a presença de um segmento implicará presença/ausência de outro, o que verificamos no presente estudo de caso: